

CARTAS PARA COMPARTILHAR: sentimentos, práticas e experiências de professoras alfabetizadoras em tempos de pandemia

Caroline Braga Michel¹

Patrícia Ignácio²

Marília Zuchoski Neves³

Eixo temático: 10. Alfabetização e ensino remoto: desafios, aprendizados e perspectivas.

Resumo: O presente estudo objetivou identificar alguns dos sentimentos e sensações que permearam as práticas pedagógicas de alfabetizadoras de dois municípios do Rio Grande do Sul, nos primeiros meses de implementação do ensino remoto. Para tanto, seu objeto de estudo foram as narrativas destas professoras, presentes em cartas virtuais, produzidas e compartilhadas durante um curso de formação continuada, no ano de 2020. A pesquisa qualitativa, de cunho documental, contou com um *corpus* de 85 cartas, das quais foram selecionadas 7 como representativas das narrativas mais recorrentes. Os achados possibilitaram constatar que os sentimentos de medo, tristeza, solidão, a sensação de incapacidade para alfabetizar e a preocupação com o trabalho e com a saúde coletiva imperavam entre as professoras. Contudo, as trocas de experiências, de práticas e de sentimentos, por meio das cartas virtuais, não só trouxeram segurança e motivação, mas também inspiraram outros/novos fazeres docentes alfabetizadores em tempos pandêmicos, o que corrobora a relevância da dialogicidade na formação continuada de professores e reitera a necessidade de ações formativas em tempos tão díspares.

Palavras-chaves: professoras alfabetizadoras; ensino remoto; formação continuada

¹Doutora em Educação. Professora da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). E-mail: caroli_brga@yahoo.com.br

²Doutora em Educação. Professora da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). E-mail: patriciaignacio.furg@gmail.com

³Graduanda em Pedagogia Licenciatura na Universidade Federal do Rio Grande (FURG). E-mail: mariliazuchoski@furg.br

Introdução

Considerando as orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS) para conter a propagação do Coronavírus, normativas foram instituídas no Brasil em níveis federal, estadual e municipal, desde Março de 2020. Neste momento inicial de pandemia, o isolamento social produziu implicações para diferentes setores da sociedade brasileira. Em âmbito educacional, destaca-se, em todo o país, a suspensão das atividades presenciais da Educação Básica e do Ensino Superior. No Rio Grande do Sul tal fato se deu em Março do referido ano, conforme estabelecido no Decreto Estadual nº 55.115, de 12 de março de 2020. Desde então, as determinações propuseram a continuidade das atividades por meio do ensino remoto emergencial.

Atenta a esse cenário, uma Universidade Federal do Estado do Rio Grande do Sul firmou uma parceria de formação continuada com duas Secretarias Municipais de Educação, proporcionando a oferta de um curso de extensão para professoras alfabetizadoras que atuavam, no ano de 2020, com turmas dos 1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental. O curso teve como objetivos identificar práticas de alfabetização e letramento realizadas no período de suspensão das aulas e oportunizar a socialização das ações e dos desafios que vinham sendo enfrentados pelas docentes. Na época, considerava-se que este espaço de formação possibilitaria maior aproximação entre as professoras, mesmo em meio ao distanciamento social, e amparo às necessidades emergentes desse novo cenário educacional, o qual deslocou os espaços e os tempos dos processos de ensino e de aprendizagem, até então instituído nas escolas, para as residências familiares.

Nesse ínterim, o curso - produzido a partir do envio de um questionário para caracterização das demandas - teve duração de trinta dias (julho a agosto de 2020) e apresentou uma proposta formativa construída com base nas solicitações das próprias professoras alfabetizadoras. As estratégias adotadas envolveram trocas de cartas, fóruns de discussão, rodas de conversas com socialização de práticas pedagógicas desenvolvidas pelas próprias docentes em tempos de pandemia, rodas de conversas com professoras convidadas que versaram sobre as temáticas selecionadas pelas cursistas, entre outras atividades. Dentre as estratégias desenvolvidas, a que mais mobilizou as cursistas, promovendo interação e fazendo emergir angústias e partilhas de sentimentos, foi a carta virtual.

Compreendendo que as escritas individuais, de certa maneira, preservam e salvaguardam memórias dessas professoras, as quais, não raras vezes, são condenadas ao descaso e ao esquecimento (CUNHA, 2013) e expressam representações, sentidos,

experiências pessoais e profissionais e sentimentos relativos ao momento histórico vivenciado no início da pandemia da COVID-19, neste trabalho, teve-se como objetivo identificar alguns dos sentimentos e sensações que permearam as práticas pedagógicas das alfabetizadoras nos primeiros meses de ensino remoto. Aspectos estes dados a ver por meio das escritas na relação do tempo com o presente, a partir de um passado ainda recente, ou seja, o presentismo (DOSSE, 2012).

Diante do exposto, salienta-se que este texto está organizado em três seções. Na primeira é exposto o referencial teórico que subsidiou as análises apresentadas, na segunda são elencados os aspectos metodológicos do estudo e na terceira são tecidas as análises.

2 Fundamentação Teórica

O desafio da formação continuada coloca-se a todos que a ofertam e aos que a realizam, independentemente dos níveis e modalidades de ensino. Todavia, considerando a conjuntura atual de pandemia da COVID-19, pode-se afirmar que ela se tornou não somente necessária, mas também complexa, haja visto ser imperativo levar em consideração tanto os aspectos formativos, quanto os elementos estruturais. Isso porque, como outros autores vêm sinalizando em relação às aulas, “as remotas não podem ser comparadas às presenciais por saber que, em meio aos atropelos de querer manter suposta normalidade, instituições alegam ter havido “apenas” a transposição do real para o virtual” (BARBOSA e FERREIRA, 2020, p. 7). Nesse sentido, o novo contexto urge por reconfigurações e reorganizações das dinâmicas de ensino e de aprendizagem, tendo em vista tratar-se de novos modos de vivenciar o processo educativo o que, por sua vez, trouxe implicações na maneira de operacionalizar a dinâmica de formação e nas temáticas a serem discutidas.

Em meio às demandas emergentes do ensino em tempos pandêmicos, a parceria entre Universidade e Escola Básica tem sido reafirmada e sua importância asseverada, com o intuito de ampliar e garantir espaços de discussão e partilha de experiências. Como afirma Ibernón (2009), essa colaboração permite entender a complexidade do trabalho educativo e dar melhores respostas às situações problemáticas da prática. Sabe-se, todavia, que esta não foi a realidade de muitas instituições escolares. Longe disso, o que se tem observado é a falta de formação de professores para atuar no ensino remoto (SANTOS, 2020).

No que se refere ao ensino remoto em classes de alfabetização, as problemáticas acima citadas parecem se asseverar, devido às especificidades implicadas no processo de alfabetização e às *expertises* da docência nesta etapa da escolarização (SOARES, 2020). Assim sendo, ações formativas que subsidiam às docentes frente aos desafios que vem sendo enfrentados, como o uso de ferramentas tecnológicas, o acesso à internet, a distância das

crianças, as estratégias didático-pedagógicas, as novas dinâmicas do ensinar e do aprender, entre outros aspectos, passaram a fazer parte das formações continuadas de professores, tomando como pano de fundo o ensino remoto em meio à pandemia.

Por meio da partilha, da reflexão, da discussão, do trabalho colaborativo, as professoras movimentam seus pensamentos e fazeres (IBERNÓN, 2009), (re)inventando, (re)interpretando, (re)configurando outros modos, jeitos, saberes e fazeres docentes. Dentre as possibilidades para assegurar e garantir esses elementos nos espaços formativos dos cursos de formação de professores online, as estratégias de troca de escritas reflexivas têm se mostrado recorrentes e emergido como potentes instrumentos, uma vez que essa “escrita de si, na primeira pessoa, na qual o indivíduo assume uma posição reflexiva em relação à sua história e ao mundo onde se movimenta” (MALATIAN, 2020, p. 195) convida à reflexão, desafia a conhecer sobre si, a reorganizar suas ideias e ações.

Para o caso deste estudo, observou-se que embora as cartas tenham perdido espaço na vida cotidiana dos indivíduos, essa escrita individual permitiu a um grupo de professoras alfabetizadoras problematizar, partilhar e discutir questões relacionadas aos sentimentos e sensações em meio ao processo de alfabetização remoto.

3 Quando e porque as cartas foram redigidas?

A dinâmica de troca de cartas virtuais entre as alfabetizadoras integrantes do curso de extensão - instrumento de coleta de dados para o presente estudo - foi proposta por se entender que “Uma carta permite maiores liberdades do que outros estilos. Nela, o que interessa é a relação, esse diálogo em que cada um converse consigo mesmo quando se dirige ao outro” (NÓVOA, 2015, p. 24). Logo, intencionou-se que, ao redigir suas escritas, as professoras pudessem refletir e compartilhar entre si sobre seus cotidianos, as mudanças em suas rotinas, seus sentimentos, os principais desafios e as possíveis trajetórias/percursos percorridas até então, no que diz respeito ao desenvolvimento do processo de alfabetização em tempos de pandemia.

Assim, no início e no término do curso de extensão, foi proposta a escrita de uma carta virtual destinada a outra cursista, por meio de sorteio, respeitando as especificidades de cada rede de ensino. Caberia a cada professora enviar a carta para o *e-mail* informado. Além disso, foi orientado que os documentos também fossem anexados na plataforma *Moodle*. Embora solicitado, nem todas as cartas foram postadas, tendo-se somente a confirmação do envio por *e-mail*. Do total de 85 cartas postadas, utilizou-se para este trabalho 7 como representativas das narrativas mais recorrentes, sendo 4 delas redigidas no início do curso e 3 na última semana do mesmo.

A análise deste conjunto de cartas configura-se como uma pesquisa qualitativa, de cunho documental (CELLARD, 2008). Todavia, há de se considerar, como ressalta o autor, que estas escritas individuais não foram produzidas com vistas a possibilitar uma reconstrução posterior do passado. Elas emanam fagulhas das memórias de um tempo que jamais será tomado em sua totalidade. Proporcionam, por meio de uma análise do tempo presente, a compreensão das sensações, sentimentos, representações e experiências das alfabetizadoras das duas rede de ensino do Rio Grande do Sul, bem como os sentidos atribuídos por estas ao momento histórico vivenciado (CUNHA, 2013), qual seja, o de implementação do ensino remoto emergencial no ano de 2020.

4 Resultados

Figura 1: Carta de Camila Amaral

Rio Grande do Sul
1º de agosto, 2020

Camila Amaral,

Em primeiro lugar, muito obrigado! Por ter compartilhado comigo de sua experiência e também fazer parte de momento tão difícil para nós educadoras pois foste, Redes de Apoio como aquele lema mundial que: "Ninguém Solta a Mão de Ninguém". Colega estava muito triste e confesso que muitas vezes com crise de ansiedade, por as família não darem retorno e também pelo conjunto de situações que estamos vivenciando nesta quarentena. Sempre tive um auto controle e agora não estava conseguindo lidar

Fonte: Dados da Pesquisa, 2020.

O fragmento acima expressa, para além de práticas alfabetizadoras, os sentimentos e as sensações de muitos docentes no início da pandemia da COVID-19. É recorrente nas cartas virtuais produzidas na primeira semana do curso de formação continuada, como observado acima, sentimentos tais como medo, tristeza, sensação de solidão, de incapacidade, de preocupação com o desenvolvimento de seu trabalho, com o bem estar e a saúde do outro e dos seus. Todavia, as cartas em respostas, redigidas após um mês de formação, evidenciam a segurança e a motivação produzidas pelo compartilhamento de sentimentos, práticas e experiências.

Excertos como o apresentado na Figura 1, demonstram que a proposta da carta virtual permitiu a partilha de um regime de sensibilidades/sociabilidades (CUNHA, 2013), o qual revelou tanto de si quanto do outro. Essa aproximação entre autoras e destinatárias foi oportunizada não só pela similaridade de sensações e sentimentos mas, também, pelo reencontro com colegas com as quais trabalharam, pelo estabelecimento de novos vínculos, pela escuta e acolhimento. Assim, o desejo de conhecer mais o outro, de manter o contato, de manter o vínculo, de trocar informações de outras maneiras que não somente pela carta, também esteve presente nas escritas: “Resolvi te enviar um *link* com um vídeo [...] para me conhecer e assim tornar mais fácil o nosso diálogo e também se quiser me adicionar no *WhatsApp* para conversarmos” (PROFESSORA 13, Julho de 2020).

Vencer distâncias e ausências, além de tecer sensibilidades e partilhas e constituir uma rede de sociabilidade fez com que as professoras se sentissem amparadas. Estes momentos de desabafo, de escuta, de troca, de resiliência, neste caso oportunizado por meio das escritas, são fundamentais na profissão docente, pois a “formação coletiva supõe também uma atitude constante de diálogo, debate [...] indagação colaborativa” (IBERNÓN, 2009, p. 59-60). Conforme o autor, nestes espaços colaborativos e formativos, cada integrante do grupo é responsável tanto por sua formação quanto pela dos demais.

Assim, as sensações de medo, exaustão, cansaço, insegurança e inexperiência das professoras alfabetizadoras em meio ao ensino remoto foram sendo substituídas, ao longo das narrativas, por um sentimento de união, mesmo que a distância. Mãos virtualmente dadas, braços remotamente unidos fortaleceram um trabalho que antes mostrava-se árduo, solitário e raro, tendo em vista seu ineditismo. Ao que parece, identificar, por meio da correspondência recebida, que seus anseios, desafios, dificuldades e demandas se assemelhavam ao de outras docentes, promoveu a sensação de que “juntas seguiremos mais forte e unidas para superar este desafio de alfabetizar a partir do ensino remoto, com uso das tecnologias e auxílio da família.” (PROFESSORA 7, Julho de 2020).

Nessa perspectiva, Ibernón (2009, p. 64) reforça o quanto a partilha e a colaboração são aspectos relevantes na formação continuada e na constituição de um grupo, pois uma “prática social como a educativa precisa de processos de comunicação entre colegas. Explicar o que acontece, o que se faz, o que não funciona, e o que teve sucesso, etc. partilhar as alegrias e tristezas que surgem, no difícil processo de ensinar e aprender”. Compartilhar anseios, oferecer auxílio pessoal e profissional, dicas de ferramentas tecnológicas e estratégias usadas no ensino remoto dão visibilidade a “um coletivo que não deixa de existir, mesmo quando as condições são sensivelmente desfavoráveis” (FERREIRA e BARBOSA, 2020, p. 4).

Ademais, a partilha possibilitou o trabalho colaborativo e fortaleceu a identidade

docente, tão fragilizada pela sobrecarga do trabalho remoto, pela divergências dos espaços e tempos das casas, pelas dificuldades enfrentadas para o desenvolvimento do processo de alfabetização, tais como a dúvida de como “alfabetizar a distância” - como mencionou a Professora 13 - e as incertezas quanto ao alcance dos objetivos do planejamento consolidado, à quantidade diária de atividades, ao olhar da família para o desenvolvimento das atividades propostas, à realização das tarefas pelo aluno, ou ao atendimento aos estudantes que não tem acesso à internet - como referiu a Professora 7.

Na esteira desse entendimento, foi necessário se reinventar. Como afirmou a Professora 5, “sermos criativas, buscando novas alternativas para atender a todos sem deixar nenhum aluno desassistido, pois a aprendizagem é um direito de todos e cabe a nós, cumprir com nossas obrigações”. A esse respeito, Nóvoa (2020, s/p) menciona que, em tempos de pandemia da COVID-19, em meio a tantas incertezas, limitações e dificuldades, as professoras tiveram que inventar maneiras para não se fazerem ausentes.

As trocas de experiências e o compartilhamento do trabalho desenvolvido no processo de alfabetização, por meio das cartas, não só trouxeram segurança, mas também motivaram e inspiraram as professoras a “fazer atividades diferentes, como buscar trabalhar o meio onde vivem, a realidade na qual estão inseridos” (PROFESSORA 13, Agosto de 2020). E, ainda, configurou-se como “uma motivação para continuar firme nesta jornada” (PROFESSORA 1, Agosto de 2020). Nesse sentido, Ibernón (2009) ressalta a importância da motivação como um aspecto fundamental na formação continuada de professores, especialmente, por estar fortemente relacionada à autoestima. Aspecto este que se mostrou fundamental para a continuidade do fazer docente neste momento.

5 Considerações Finais

O presente trabalho teve como objetivo identificar alguns dos sentimentos e sensações que permearam as práticas pedagógicas de alfabetizadoras de dois municípios do Rio Grande do Sul, nos primeiros meses de implementação do ensino remoto. Para tanto, seu objeto de estudo foram as narrativas de professoras alfabetizadoras presentes em cartas virtuais, produzidas durante a realização de um curso de formação continuada no ano de 2020.

Em linhas gerais, foi possível identificar nas cartas-iniciais a recorrência de sentimentos como medo, tristeza, sensação de solidão, de incapacidade, de preocupação com o desenvolvimento de seu trabalho, com o bem estar e a saúde do outro e dos seus. Todavia, as cartas-respostas, redigidas após um mês de formação, evidenciaram a segurança e a motivação produzidas pelos compartilhamentos e trocas de sentimentos, de práticas e de experiências. Nota-se um alijamento na narrativa das docentes, ao perceberem que os medos

e as inseguranças relacionados ao processo de alfabetização remoto eram compartilhados pelas demais.

Assim, a análise realizada neste trabalho possibilitou constatar que as trocas de experiências, de práticas e de sentimentos por meio das escritas das cartas não só trouxeram segurança e motivação, mas também inspiraram outros/novos fazeres e saberes docentes alfabetizadores em tempos pandêmicos. Pode se dizer que “compartilhar o que estou sentindo com quem sente do mesmo que a gente é um alento” (PROFESSORA 14, Agosto de 2020), corrobora a relevância da dialogicidade na formação continuada de professores e reitera a necessidade de ações formativas em tempos tão díspares.

Referências

DOSSE, François História do Tempo Presente e Historiografia. **Tempo e argumento**. Florianópolis, v. 4, n. 1 p. 05 – 22, jan/jun. 2012.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Lionei-H. (et al). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Trad. Ana Cristina Nasser. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 295-316. (Coleção Sociologia).

CUNHA, Maria Teresa S. Do coração à caneta: cartas e diários pessoais nas teias do vivido... **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 59, p. 115-142, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/37036/22828> Acesso em: 10 jun. de 2021.

FERREIRA, Luciana Haddad; BARBOSA, Andreza. Lições de quarentena: limites e possibilidades da atuação docente em época de isolamento social. **Praxis Educativa**, [S.L.], v. 15, p. 1-24, 2020. Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). <http://dx.doi.org/10.5212/praxeduc.v.15.15483.076>. Disponível em: <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.15.15483.076>. Acesso em: 10 jul. 2021.

IBERNÓN, Francisco. **Formação permanente do professorado: novas tendências**. São Paulo: Cortez, 2009.

MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla B.; LUCA, Tânia (Orgs.) **O historiador e suas fontes**. 1. ed. 6ª reimpr. São Paulo: Contexto, p. 195-222, 2020.

NÓVOA, Antonio. Carta a um jovem historiador da Educação, **Hystoria y Memoria de la Educación**, 1, p. 23-58, 2015.

NÓVOA, Antonio. **Conversa com António Nóvoa - A educação em tempos de pandemia**. 2020. Disponível em: <http://geonauta.com.br/sala-dos-professores/cartografia-digital/lives-sobre-educacao-e-ensino-a-distncia/432>. Acesso em: 10 jun. 2020.

RIO GRANDE DO SUL. **Decreto Estadual** nº 55.115, de 12 de março de 2020. Diário Oficial Estadual, Porto Alegre, p. 1-2, 2020. Disponível em: http://www.al.rs.gov.br/legis/M010/M0100099.ASP?Hid_Tipo=TEXT0&Hid_TodasNormas=66156&hTexto=&Hid_IDNorma=66156. Acesso em: 18 jun. 2020.

SANTOS, Hugo M. Os desafios de educar através da Zoom em contexto de pandemia: investigando as experiências e perspectivas dos docentes portugueses. **Práxis Educativa**. Ponta Grossa. v. 15. p. 1-17, 2020.

SOARES, Magda. **Alfabetrar**: toda a criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.